



## Cartografar corpos – corpo e sensação

Paola Verdun<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo aborda uma experiência com as atividades do Cartografar Corpos – Corpo e Sensação no período entre 6 de maio e 29 de julho do ano de 2020. Com abordagem qualitativa, o trabalho dialoga com o autor Ferraz (2014, 2016 e 2020), além de outros autores, para descrever os processos de criar “com” diferentes disparadores, de acordo com a proposta de movimentos do Cartografar; e descrever como surgiu a ideia de criação do vídeo Corpos em Isolamento. Além da importância de deixar registrado um material audiovisual sobre o processo citado, deixa-se também um registro escrito do momento vivido durante a pandemia da covid-19 no país e no mundo.

**Palavras-chave:** Audiovisual; Cartografar; Corpo; Criação; Pandemia.

## Cartographing bodies - body and sensation

**Abstract:** The present study addresses an experience with the activities of Cartographing Bodies - Body and Sensation in the period between May 6 and July 29, 2020. With a qualitative approach, the work dialogues with the author Ferraz (2014, 2016 and 2020), besides other authors, to describe the processes of creating “with” different triggers, according to the proposal of Cartographing movements; and to describe how the idea of creating the video Bodies in Isolation came up. Besides the importance of leaving recorded audiovisual material about the process cited, it is also left a written record of the moment experienced during the covid-19 pandemic in the country and the world.

**Keywords:** Audio-visual; Cartography; Body; Creation; Pandemic.

### Introdução

O presente estudo aborda uma experiência com as atividades do Cartografar Corpos – Corpo e Sensação, cujos encontros ocorreram online entre os dias 6 de maio e 29 de julho do ano de 2020, ainda com encontros regulares semanais. Trata-se de uma proposta de movimentos a partir da noção de “cartografar corpos” criada por Ferraz (2014), em que se pesquisa ou cria “com”. Entende-se, neste criar “com”, pesquisas e experimentações diversificadas em que o corpo é atravessado por distintos disparadores: a música que aprecia, o texto que faz o corpo pensar em alguma coisa marcante, um fato, ou alguém, o movimento que nasce e se modifica constantemente a cada disparador, movimentos cotidianos, um filme, uma sensação, um sentimento, o frio, o calor, o chão, o ar fresco, a quarentena, o isolamento social. Enfim, tudo que se apresenta nas condições que se colocam para o indivíduo, sua subjetividade e seu corpo, tudo “com” o qual se pode criar e produzir algo.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação e Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior e Licenciada em Dança (ULBRA). Atuou por três anos como bolsista de iniciação científica pela FAPERGS, também no PPGEDU. Atualmente atua como Professora na Especialização em Dança da Faculdade SOGIPA e Professora Particular de Dança.

A próxima seção – O Cartografar Corpos – é dedicada a descrever o processo durante o período mencionado dos encontros, trazendo detalhes da proposta. A seção Os disparadores de pesquisa, criação e movimento explica como ocorre o processo a partir de diferentes elementos e o que podem ter em comum para criar os movimentos e um corpo nesta experimentação. Na seção Do vídeocorpo para o vídeo Corpos em Isolamento conta-se um pouco sobre como ocorreu o processo de criação do vídeocorpo e como surgiu a ideia do vídeo Corpos em Isolamento. Na última seção são tecidas algumas considerações (por hora) finais.

## O Cartografar Corpos

No início do ano de 2020 o grupo de participantes do Cartografar Corpos foi convidado a realizar algumas experimentações. Inicialmente, pensou-se em um cronograma a ser seguido, mas não de forma engessada, pois em cada situação novas condições se estabeleciam, criando outras possibilidades para a prática. Para cada encontro foram pensados os seguintes procedimentos: 1. experimentação com movimento; 2. discussão acerca da noção de Cartografar Corpos; 3. experimento-registro audiovisual, que foi chamado de “vídeocorpo”, a ser realizado no próprio encontro; e 4. exercício de inventariar sensações e movimentos – registros individuais escritos/desenhados/riscados no “Inventário de Sensações e Movimentos” – e conversa. A partir de estratégias flexíveis de pesquisar/criar propostas por Ferraz (2016), o convite foi para exercitar o que neste trabalho optou-se por chamar de “memória sensorial do corpo”.

E isto está muito atrelado ao momento presente, o que o corpo percebe neste momento, experimentando esses movimentos, essas sensações, estes comandos, de acordo com a proposta do Cartografar<sup>2</sup>.

Com o contexto da pandemia, que tomou de surpresa o mundo e o nosso país a partir de março, foi proposto então que, em casa, cada uma (que naquele momento somavam 3 participantes mulheres), experimentasse diferentes maneiras de realizar e criar movimentos. Aí, no dia e horário estabelecido para os encontros, que passaram a ser realizados online pela plataforma zoom.us, depois de, se necessário e possível, seguir o cronograma, eram comentadas e trocadas as experiências e processos individuais. Nessas condições, a proposta lançada foi de, em casa: 1. realizar as leituras escolhidas, a partir do que foi chamado de “Cardápio de Leituras”; 2. movimentar (experimentações de movimentos); e 3. registrar (registro poético audiovisual), de 10, 15, 20 ou 30 segundos... quanto tempo fosse escolhido, com a câmera do celular, por exemplo. E enquanto essas experiências fossem vivenciadas em casa, se poderia pensar nos seguintes questionamentos:

- O que pode um corpo nesse momento em que estamos vivendo?
- O que podemos fazer corporalmente (criar movimento dançante) nesse isolamento social?
- Quais linhas de constituição de um corpo podemos mapear nesse momento?
- O que nos tornamos nesse processo?
- O que um corpo se torna nessas condições?
- O que podemos criar em dança em isolamento social? (FERRAZ, 2020).

---

2 A autora participa do projeto desde o ano de 2018, em sua forma presencial. O Cartografar Corpos constitui-se de atividades correlatas aos Estudos do Corpo, que este ano está na sua décima edição, coordenado pelo Professor Wagner Ferraz (<https://www.estudosdocorpo.com>).

Neste processo, para cada uma na sua casa, deveria estar claro que os processos de experimentação implicam em afetar o corpo, produzir algo e criar outro corpo enquanto se experimenta (FERRAZ, 2016). Assim, não se tem claro o que esse corpo em experimento irá se tornar ao longo da trajetória, ou que movimentos ou coreografia serão produzidos. Não há um lugar certo aonde chegar. A pesquisa e a experimentação se atravessam o tempo todo.

Cartografar corpos vem a ser a experimentação/produção de uma paisagem móvel dos corpos que se torna, dos corpos que se vem a ser, daquilo que se dá no encontro dos corpos. E o que é muito caro nisso tudo é o movimento que se dá em e entre um corpo que se torna e um corpo que se vem a ser. (FERRAZ, 2016, p. 105).

Para tanto, lança-se mão de diferentes disparadores de movimento, pesquisa e ação, que naquele momento eram ainda mais diversos, com a situação de pandemia e isolamento social em que devíamos ficar e fazer tudo em casa com nossos objetos, cômodos e outros elementos disponíveis; mas ao mesmo tempo tão limitados, pelo mesmo motivo, onde não era permitido sair do espaço da casa e ir para a rua, para o parque, para um estúdio ou outro lugar para experimentar movimentos e cenas<sup>3</sup>. Assim este corpo que deve, a partir desta proposta, observar suas sensações, experimentações e seus movimentos, também deveria observar ainda mais a tudo ao seu redor, na instabilidade que se estabelecia no seu mundo, mas também no mundo dos outros.

### Os disparadores de pesquisa, criação e movimento

Dos textos dos quais se poderia partir para disparar diferentes criações, o livro *Anatomia emocional*, de Keleman (1992, p. 12) esclarece que, “não há uma estrutura ideal para os seres humanos. A preocupação primordial do indivíduo deveria ser como usar a si mesmo para funcionar. [...] a individualidade se fundamenta na variedade de formas e posturas que assumem”. A obra traz imagens que convidam a pensar, principalmente no que se refere ao emocional e o quanto isso está atrelado ou intrínseco ao corpo. Assim, as sensações, o pensar, o movimento, o vir a ser algo que ainda não se sabe muito bem o que será, fazem parte de uma constante potência presente nos processos de experimentar e criar em casa. E esse experimentar é aquele sugerido por Lazzarotto (2012, p. 100), que propõe um laboratório em cada indivíduo e seu corpo, sua singularidade, um “experimentar sem sair do lugar”: “ande com o pensamento e percorra os afetos que lhe tocam ao pesquisar”. Pode ser utilizar-se do que surgir enquanto pesquisa, cria e se movimenta: um sentimento, uma sensação, um gesto que surge ao pensar, cheiros, gostos, texturas, dores, prazeres. É o criar “com”, como nas palavras de Ferraz (2014) aqui já citadas. E continua: “[...] ao invés de prender-se nas constantes de uma linguagem guiada pelo padrão, insista nas variações que buscam um estilo. Não se está buscando algo já dado, deseja-se exatamente o que está sendo inventado”. O inusitado pode ser surpreendente. Um ângulo diferente para a câmera, um elemento estranho na cena, um plano ainda não experimentado, uma parte do corpo que ainda não se moveu porque tem (ou não) alguma dor ali, ou outra que se move demais sobressaindo às outras partes... “Siga na abertura para acolher as diferenciações que o pensamento produz com a experiência”. A ideia de não rejeitar as coisas que podem vir a se transformar em algo com um significado e um estilo e que se torna peculiar.

<sup>3</sup> Vale destacar que o momento referido no texto era o início da pandemia. E que embora tenham havido flexibilizações, ainda se fazem necessários cuidados para evitar o contágio.

Então, diante da ciência de que isso é muito diferente de ter algo pronto onde se deseja chegar e apenas reproduzir, e estando acostumado a isso, pode-se quebrar esse ritmo de “tentar aprender” algo já dado para assumir a criação. O convite é para “brincar com essas questões, com os textos, com movimentos, com o registro audiovisual que estiver fazendo” (FERRAZ, 2020), e a partir disso então criar algo que passa a ter uma narrativa ou dramaturgia que inclusive muitas vezes não foi a esperada ou imaginada. E é daí que o corpo se transforma também, pois pesquisar e criar com inspiração na cartografia é um “processo onde o corpo se produz no próprio fazer, e que tantas vezes se dá em um ainda não sei, mas que coloca em movimento de variação, em que muitas vezes se precisa olhar para o que está se dando através do exercício cartográfico” (FERRAZ, 2016, p. 104). Pode-se também pensar em um processo de subjetivação que ocorre enquanto o indivíduo exercita a criação de movimentos levando em consideração e acolhendo tantos elementos e tantas possibilidades, em meio ao contexto de pandemia. Transforma o corpo e o indivíduo. Dialogando com Santos (2013), memórias emocionais e afetivas podem ser ativadas e o corpo narra uma história, a processa e se torna outro em seguida, (re)criando (p. 150) as memórias e os fatos. “[...] temos a capacidade mimética e criativa da imaginação fazendo parte do processo de rememoração, permanecendo a memória com um caráter indissociável da atividade criativa” (SANTOS, 2013, p. 151). E os livros podem participar da criação diretamente. Uma frase, uma palavra, uma articulação entre frases e sentidos. E tudo pode vir a ser um corpo que experimenta, um corpo que se movimenta, um corpo que dança.

Colocadas as condições ou não condições, o trabalho iniciou e, depois de alguns encontros surgiu a ideia de um vídeo coletivo que pudesse ser realizado com cada participante gravando vídeos em sua casa. Foi produzido então o vídeo *Corpos em Isolamento*.

### **Do videocorpo para o vídeo *Corpos em Isolamento***

Os vídeos produzidos em casa pelas 3 participantes do grupo foram compartilhados pelo drive do google. Em uma pasta foram colocados os vídeos produzidos em aula, com a orientação do Professor Ferraz, e em outra os vídeos produzidos em casa, individualmente. No google sala de aula (google classroom) o professor criou a sala “Cartografar Corpos 2020 01”, onde foi estabelecido um canal de comunicação e compartilhamento dos vídeos e das suas propostas a cada semana.

Escolham como querem viver esse processo e compartilhem depois o que forem experimentando. O importante é que seja um espaço de estudo, experimentação e respiro. Não deve ser uma obrigação cansativa. Então, não se obriguem a serem produtivas como máquinas, mas tracem seus objetivos. Não se deixem cair no desânimo e na procrastinação. Fazer escolhas e perseguir objetivos é viver. (FERRAZ, 2020, n.p.).

A partir da leitura realizada, cada participante poderia elencar um tema. Deste tema escolhido, no início de cada aula, poderia propor algo, uma motivação para a criação, depois de experimentar. Por exemplo: se experimentou alguma técnica - não necessariamente de dança -, ou alguma outra prática que poderia ser de aula, e deseja propor uma atividade rápida para o início do encontro online para todos realizarem, cada um na sua casa, seria possível. Um trabalho com respiração seria uma alternativa, e considerando que “a pulsação tubária e a respiração são mais do que atos anatômicos: são estados de espírito” (KELEMAN, 1992,

p. 57), poderia se propor uma atividade inicial articulada às técnicas de pránáyámas<sup>4</sup> do Yôga, por exemplo, que trabalham a respiração visando uma consciência (DE ROSE, 2004) e um preparo do indivíduo para aquele momento, que é “inundado de sensações” (KELEMAN, 1992, p. 62).

Na aula seguinte foi proposto pensar em 1. corpo; 2. espaço; 3. tempo e 4. movimento. Uma das respostas a essa proposta pode ser a experimentação de movimentos do corpo no chão focando na respiração e no pulsar apontados por Keleman (1992), ocupando o mínimo de espaço na sala. Por alguns segundos, uma música pode disparar sensações e sentimentos, transformando ou não o corpo e os movimentos que surgem. Situações pessoais também fazem parte do contexto - sofrimentos, angústias, dúvidas, medos e outros sentimentos compõem o repertório de elementos “com” os quais se pode experimentar. As experimentações utilizando movimentos do cotidiano em casa também podem ser consideradas. Foram propostos “movimentos em experimentação corporal pensante: experimentar movimentos enquanto escova os dentes, lavar a louça e quando acorda e está saindo da cama”. Gestos, hábitos religiosos, movimentos involuntários como num espirro, numa tosse, ou propositais como os sugeridos, podem também ser disparadores de pesquisa, criação e movimento. Outra situação é o “movimento focado na anatomia: alongar-se enquanto estiver assistindo TV”. E apreciar/aproveitar os momentos também é importante, pois “vida é movimento, aproveite e exercite isso de forma prazerosa”; “que seja sempre prazer e nunca obrigação” (FERRAZ, 2020).

Entre essas e outras experimentações, algo então nos fez ter a ideia do vídeo coletivo. Uma participante ficou responsável pela edição, os demais auxiliaram a distância e a cada encontro eram propostas alterações, com a direção do professor Ferraz. Além da questão da aprendizagem da ferramenta para edição, foi necessário continuar mantendo a proposta do Cartografar, de criar “com”, de manter possibilidades abertas para ver o que poderia surgir, que dramaturgia estava se construindo para o trabalho. Não havia, novamente, nada pronto, nem um lugar certo e previamente definido para chegar. Foi um processo de constante movimento alterar tempos, momentos, imagens, velocidades, vídeos, cores, efeitos, textos, sons, músicas, silêncios e tudo que as produções de vídeo em casa proporcionaram pesquisar, criar, improvisar, alterar, transformar. E o nome “Corpos em Isolamento” surgiu após uma conversa do grupo sobre como mostrar o que foi feito, como pesquisou, criou e se movimentou durante a quarentena. É um perguntar-se constante sobre como se pode editar o material de outros modos. Como se pode obter outros resultados. Assim, revisita-se tudo que está sendo criado (escritas, movimentos, vídeos, experimentos) muitas vezes, para ver o que ainda não foi visto, e pensar e criar novamente a partir daí.

Acredita-se que este vídeo poderá algum dia, como destaca Bernd (2013, p. 46), situar-se em “um espaço intervalar entre memória e esquecimento”, uma memória que será atingida “de forma fragmentária, inacabada”, por se tratar de um trabalho que poderá estar sempre em processo, mesmo com uma edição pronta. Poderá evocar um tipo de memória coletiva mesclada às subjetividades (SANTOS, 2013), agora transformadas, de cada corpo isolado, do grupo do Cartografar, sobre a história da pandemia de coronavírus do ano de 2020, sobre o isolamento social, os medos, as restrições impostas por uma situação que ninguém esperava e que vem ceifando muitas vidas. Uma situação da qual ficarão muitas memórias e também

---

4 Exercícios respiratórios, em sânscrito.

muitos esquecimentos. Assim, este estudo aponta para uma cartografia afetiva ou mental (SANTOS, 2016) daquele momento, em 2020, através dos movimentos do vídeo *Corpos em Isolamento*, em que se poderá reconstruí-lo “mediante imagens que não são mais puras, e sim simuladas, em virtude dos vários pontos de vista para o mesmo acontecimento” (p. 22), criando olhares diferentes para o que foi criado, mais uma vez.

### Considerações não finais

Este trabalho trouxe fragmentos ou recortes dos registros de uma participante do *Cartografar Corpos – Corpo e Sensação*, que foram realizados entre maio e julho do ano de 2020, no contexto da pandemia de coronavírus, e no qual foi possível chegar à criação do vídeo coletivo *Corpos em Isolamento*. O corpo de uma mulher cuja voz se faz presente neste trabalho criou vídeos com sentimentos confusos por problemas pessoais, dores físicas e emocionais, barreiras tecnológicas e técnicas, saudades da família, textos do Instagram, leituras, escritas e rabiscos no *Inventário de Sensações e Movimentos*, vídeos, preces, uma crise de labirintite, além de outros elementos considerados como disparadores de movimento. Soma-se a isso tudo a vontade de produzir, criar, mover-se, estar presente no grupo, mesmo que a partir da tela do telefone celular ou do tablet. Uma vontade que algo diferente aconteça: que tudo isso passe e que a vida seja melhor depois que passar.

Salienta-se que ficou ainda muito a ser escrito, revisitado, organizado e estruturado para um texto, pois o espaço de um artigo é pequeno perto das infinitas possibilidades de criação de um trabalho com o corpo e suas múltiplas e tão singulares potências. Fica registrado aqui então o intuito de deixar algo como uma marca na história, com algo que será lembrado e revisitado mais adiante, das 3 mulheres que se dispuseram a criar e produzir um trabalho em vídeo com seu corpo e suas sensações, seus pensamentos e sentimentos, seus afetos e suas particularidades.

### Referências

- BERND, Z. Estratégias memoriais na sociedade contemporânea. IN: GRAEBIN, C. M. G.; SANTOS, N. M. W. (Orgs). **Memória social: questões teóricas e metodológicas**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2013. 304 p.
- DE ROSE, A. **Exercícios de Pránáyamas: respire criatura!** 2004. Pdf. 142 p. Disponível em: <<http://files.shalaom.webnode.com.br/200000007-5ea2c5f9cd/EXERCICIOS-DE-PRANAYAMAS.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- FERRAZ, W. **Comunicações pelo googleclassroom, drive, e-mails e mensagens pelo whatsapp**. 2020.
- FERRAZ, W. **CARTOGRAFAR CORPOS DANÇANTES: PESQUISA/CRIAÇÃO ARTÍSTICA/ACADÊMICA**. IN: **Anais do V Encontro Estadual de Graduações em Dança**, 12 a 14 julho de 2016: cultura da gratuidade. Organização: Flavia Pilla do Valle, Wagner Ferraz - Porto Alegre: Curso de Licenciatura em Dança, 2016.
- FERRAZ, W. Pesquisar e pensar “com”: entre criação artística e criação acadêmica. In: FERRAZ, W. (Org.). **Experimentações Performáticas**. Porto Alegre: INDEPIn, 2014, v. 1, p. 20-30.

KELEMAN, S. **Anatomia Emocional**. Tradução: Myrthes Suplicy Vieira. São Paulo: Summus, 1992.

LAZZAROTTO, G. D. R. Experimental. IN: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. (Orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 261 p.

SANTOS, N. M. W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividades e sensibilidades. IN: GRAEBIN, C. M. G.; SANTOS, N. M. W. (Orgs). **Memória social: questões teóricas e metodológicas**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2013. 304 p.

SANTOS, D. C. dos. FIM: uma cartografia afetiva da memória. **Dissertação** (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, Bahia, 2016.

Recebido em: 07/05/2021.

Aceito em: 31.08.2021